

VERISSIMO

Inveja

Quando eu era garoto, tinha times em todo o mundo. Algumas das minhas escolhas eram lógicas: eu só podia ser Colo-Colo no Chile porque não sabia o nome de nenhum outro clube chileno. Mas por que Tottenham Hotspurs em vez do mais conhecido Arsenal, na Inglaterra? E eu só tinha notícias dos meus times na escassa informação que saía nos jornais daqui sobre o futebol em outras terras. Eu nem sabia quais eram as cores do Tottenham Hotspurs, por exemplo. Eventuais fotografias do time não ajudavam: as fotos eram em preto e branco. Não importava.

Era o meu time do coração, como o River Plate em Buenos Aires, o Dinamo em Kierv, o Racing — hoje Paris Saint Germain — na França, a Inter na Itália... Mesmo eu sabendo quase nada a seu respeito. Pensei nisso enquanto assistia ao Juventus x Real Madrid na TV. Um jogo que, antigamente, eu só veria na imaginação e cujo resultado só saberia dois ou três dias depois. Hoje temos acesso instantâneo e completo aos campeonatos europeus e às copas internacionais, sabemos tudo sobre jogadores e técnicos — e nos perguntamos (ou pelo menos eu me pergunto) se isso nos faz mal ou bem. Pois junto com o imenso prazer de ver futebol bem jogado vem a impressão de estarmos sendo corroidos pelo feio sentimento da inveja. Esqueça os grandes jogadores e as grandes jogadas — só a visão daqueles gramados já nos humilha e nos corrompe a alma. A inveja começa antes de começar o jogo.

Duas observações sobre Juventus x Real Madrid: o Pirlo está com a máscara trágica de um velho guerreiro que só continua em pé para inspirar suas tropas. E podem ficar com todos os outros jogadores cantados e laureados do Real Madrid, inclusive o Cristiano Ronaldo. Eu só quero o Toni Kroos e o Bale no meu time imaginário.

Uma modesta proposta para salvar o nosso futebol: por que não dar aos clubes a mesma isenção de impostos dada às igrejas? Futebol é uma religião no Brasil. Ele nos empolga ou nos consola e muitas vezes dá sentido às nossas vidas, como a religião. Qualquer igreja, mesmo as que exploram abertamente seus fiéis ou beiram o curandeirismo, tem isenção. Aliás, igrejas e partidos políticos, que recebem subvenções pelo simples fato de existirem, são dois dos melhores negócios no Brasil, hoje. Por que o futebol não pode ter os mesmos benefícios de igrejas e partidos políticos? Ajudaria a acabar com a inveja. ●

Uma modesta proposta para salvar o nosso futebol: por que não dar aos clubes a mesma isenção de impostos dada às igrejas?

CACÁ DIEGUES

Três amigos casuais

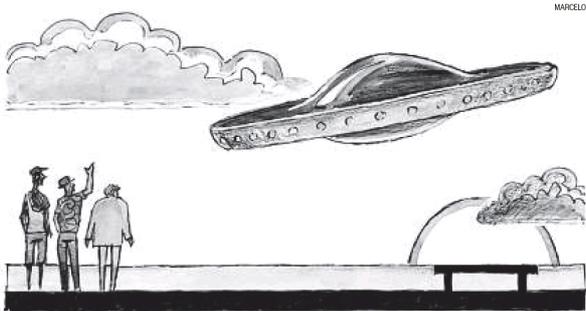
Gosto de andar no calçadão de Ipanema e Leblon, coisa que faço desde sempre, mesmo quando não morava na área. Não corro mais, não tenho mais idade para isso; mas ando acelerado, meio como aqueles maratonistas olímpicos fazem antes de chegar à reta final. Bem, confesso que nem tanto, mas tento seguir o exemplo deles. Andando me esqueço da trágica chatices da política, do partido que vota contra aquilo que ele mesmo criou (PSDB), do outro que joga pelo ralo os princípios de sua fundação (PT), de um terceiro que nunca mudou, sempre foi do tomalá-dá-cá (PMDB). Andar diante do mar me serve para manter a forma física e aliviar a angústia do mundo esquisito em que vivemos. E ainda aproveito para fazer muitos planos pessoais, todos bem acima do que sou capaz.

Depois de anos fazendo o mesmo trajeto, é natural que reconheça rostos de quem não conheço, gente que se exercita no mesmo horário que eu. Cumprimento e sou cumprimentado por homens e mulheres de quem nem sei o nome, anônimos que me sorriem solidários com nosso habitual esforço físico. De vez em quando, esbarro também com personagens únicos e inesquecíveis.

Na altura do Jardim de Aлах, encontro às vezes um homem negro e magro, quase maltrapilho, que canta aos berros as canções tristes de Lupicínio Rodrigues. "Você sabe o que é ter um amor, meu senhor/ter loucura por uma mulher/e depois encontrar esse amor, meu senhor/ou nos braços de outro qualquer", ele canta o hit de seu cancionero de dor e corão.

Quando termina uma dessas canções, o homem começa a berrar um discurso contra certa mulher que o abandonou, tomando o cuidado de cavalheiro de não lhe citar o nome. Sem buscar interlocutor, ele descreve a beleza e a maldade da mulher por quem sempre foi apaixonado, aquela incapaz de se manter fiel a quem lhe quis tanto bem. E tome Lupicínio para ilustrar sua dor.

Certa manhã, tomando a liberdade de já me considerar seu amigo, tentei conversar com ele, saber mais sobre sua história de amor. Ele nem me olhou. Como o desprezo superior daqueles que lutam pela vida da altura em que os anjos voam, me ignorou e seguiu gritando sua dor para a eternidade que não tem rosto, nem anda no calçadão da orla. Me conformei e me afastei ouvindo-o cantar: "... você há de rolar como as pedras que rolam na estrada/sem ter nunca um cantinho de seu pra poder descansar".



Quando, depois da caminhada, me dá vontade de fazer saudável xixi, me dirijo sempre ao WC do mesmo posto. Ali fazia ponto um homem de meia-idade, debruçado na varanda superior do pequeno prédio, a vigiar o infinito horizonte do mar, balbuciando o que não chegava a ser ouvido por ninguém.

Perguntei ao responsável pelo posto quem era, ele me respondeu com respeito e admiração: "Calsagan". Castei a compreender que o apelido era uma homenagem ao astrônomo Carl Sagan, só o entendi quando o rapaz me contou que o homem na varanda, em sua adolecência, vira um disco voador no mar de Ipanema e, desde então, voltava quase todo dia para tentar rever o fenômeno. Segundo ele, Calsagan já vira, nesse período, setenta e três UFOs, fora as pistas falsas.

Um dia, resolvi subir à varanda para conversar com Calsagan. Dei-lhe bom dia, ele me respondeu com um gentil sinal de cabeça. Aproximei-me para tentar ouvir alguma coisa do que balbuciava. Ele percebeu e me avisou docemente: "Não adianta, falo numa frequência que só os dissonantes conhecem". E seguiu em seu indecifrável diálogo com os objetos não-identificados.

Ao longo de um mês chuvoso, notei que Calsagan não aparecia mais na varanda de sempre. Perguntei ao responsável pelo posto se sabia por onde ele andava. "Calsagan nunca mais apareceu", me respondeu com melancólica convicção, "deve ter sido abduzido por um disco voador".

Por volta do Posto 12, antes da íngreme sub-

ida que leva à Avenida Niemeyer, um senhor de certa idade, vestido em terno branco, com gravatas discretas que destoavam das coloridas camisas sociais, estava quase sempre sentado no mesmo banco em que eu costumava respirar um pouco, antes de fazer a segunda metade de minha caminhada. Ele sempre puxava conversa comigo, a elogiar meus esforços atléticos e minha duvidosa forma física.

Ohomem de terno branco gostava de comentar o que lia nos jornais do dia, mas não as notícias das manchetes. Ele se ocupava era das mais simples, como se estivesse em busca de pequenos acontecimentos que o ajudassem a viver, como uma menina que achara sua boneca perdida ou a vitória de um menino pobre no último vestibular.

Em nosso encontro mais recente, ele me perguntou se eu havia lido o jornal daquele dia. Com os olhos molhados e um suspiro de emoção, não esperei por minha resposta: "O governo tailandês mandou aviões jogarem comida para os barcos dos imigrantes rohingya de Mianmar". Evitei dizer-lhe que também lera os jornais e que a comida atirada aos barcos havia caído no mar.

Nesse mesmo dia, perguntei-lhe o que fazia na vida e ele me respondeu com um galicismo que meu pai adorava usar: "Vivo por aí, flanagan". E caiu na gargalhada. ●

Cacá Diegues é cineasta. E-mail: carlosdiegues@uol.com.br

A lição britânica

CELSO BARATA

A eleição britânica foi muito rica em lições para todos. A mais gritante foi a absurda disparidade entre as pesquisas (de que haveria algum tipo de empate e de um parlamento "pendurado") e o resultado — inclusive superando a boca de urna da BBC, que tinha conseguido chegar mais perto — de uma avassaladora vitória conservadora.

Mas outra das muitas lições foi a renovada discussão sobre vantagens e desvantagens dos sistemas distrital e proporcional, tal como os conhecemos em todo o mundo. Isso exatamente num momento em que nos preparamos para nossa reforma política.

A vantagem mais clara do sistema distrital sempre foi a clara e absoluta correlação entre os eleitores e um seu representante bem determinado. Não é à toa que ele é adotado, além da Grã-Bretanha, na França e nos EUA, entre tantos países. A desvantagem do sistema britânico é que ganha o quem tem mais voto naquele distrito: pode ser por um voto de diferença (*o first-past-the post* ou "o primeiro leva tudo"). Enquanto na França o eleitor tem, desde De Gaulle, a chance de, num segundo turno, escolher entre os dois mais votados e o que menos lhe seja adverso. Agora ficou clara outra enorme desvantagem: como o resultado é medido apenas em cada um dos 650 distritos eleitorais, ficaram de fora milhões de votos num terceiro ou quarto distrito. Foi o caso do ultranacionalista UKIP (Independent Kingdom

Party), que ficou em terceiro, com 3,7 milhões e 12,7% de votos, mas só conseguiu eleger um deputado em primeiro lugar num único distrito. O mesmo aconteceu com os 2,2 milhões e 7,9% de votos dos liberais-democratas, que só resultaram em oito cadeiras, ou no milhão de votos do Partido Verde, também restrito a um único lugar. Enquanto isso, a Escócia funcionou como um "grande distrito": de 59 cadeiras, o Scottish National Party (SNP) abiscotou nada menos que 56, com 4,7% e uns 2,5 milhões de votos. Já na Irlanda foi pior: o Partido Democrata Unionista (DUP) também ganhou oito cadeiras, com apenas 180 mil votos, o Sinn Féin, com quase o mesmo total, ficou com quatro, e o Partido Social Democrata e Trabalhista conquistou três, com míseros cem mil votos. No País de Gales, o Plaid Cymru também ganhou três lugares só com 180 mil.

Agora, líderes do UKIP querem, de novo, tentar mudar o sistema — de distrital para proporcional — alegando a inensa dicotomia entre tantos milhões e a mísera representação. Mas um referendo em 2011 já rejeitara a mudança, o que tomará muito difícil a tarefa.

Mal sabem eles que nós, que praticamos uma forma estrúxula de representação proporcional (em que coligações muito díspares permitem eleição de gente ideologicamente bem contrária com o nosso voto) estamos quebrando a cabeça para sair dessa arapuca.

A solução que se apresenta com mais chances talvez seja pior ainda: o "distritão" (onde seriam eleitos, por exemplo, os 60 mais votados em São Paulo, independentemente do peso de partidos ou ideologias). Enquanto isso, o Senado vai aproveitando proposta de José Serra de termos distritos nas eleições de vereadores das grandes cidades. Vale como argumento contrário o mesmo que o dos britânicos: impede que milhares de votos de pequenas siglas tenham significado, se nunca conseguirem ficar em primeiro em algum distrito. ●

Mal sabem eles que nós, que praticamos uma forma estrúxula de representação proporcional (em que coligações muito díspares permitem eleição de gente ideologicamente bem contrária com o nosso voto) estamos quebrando a cabeça para sair dessa arapuca.

A solução que se apresenta com mais chances talvez seja pior ainda: o "distritão" (onde seriam eleitos, por exemplo, os 60 mais votados em São Paulo, independentemente do peso de partidos ou ideologias). Enquanto isso, o Senado vai aproveitando proposta de José Serra de termos distritos nas eleições de vereadores das grandes cidades. Vale como argumento contrário o mesmo que o dos britânicos: impede que milhares de votos de pequenas siglas tenham significado, se nunca conseguirem ficar em primeiro em algum distrito. ●

Celso Barata é jornalista

Explicação para o inexplicável Messi

RONALDO HELAL

Recentemente fui abordado por um amigo que me perguntou como eu poderia explicar o futebol do Messi. Surpreendido com a pergunta, lhe respondi que genialidade não tem explicação. De qualquer forma, passei a refletir sobre a questão a partir do livro "Mozart: sociologia de um gênio", do sociólogo alemão Norbert Elias. Nesta obra, Elias analisa a questão do conflito trágico entre a genialidade de Mozart e uma sociedade que pretendia controlá-lo. Apesar do título do livro, o sociólogo não se atreveu a fornecer ao leitor explicações sobre a genialidade do músico.

De fato, talento é algo que não se explica. O sujeito nasce com ele. E o aprimora com treinamento. Do ponto de vista sociológico, não temos como explicar o futebol de Messi. No entanto, ele tem algo que podemos ter como pauta para uma pesquisa futura. Trata-se de sua personalidade introspectiva, tímida, sem aparições na mídia, poucas palavras, quase mudo, o que faz dele um ídolo singular, distinto dos demais, nesta característica de "não celebridade".

Observemos que, mesmo em campo, ele ignora tanto os adversários quando recebe faltas, quanto o árbitro quando não as marca. Quase nunca o vemos reclamando de alguma coisa. Calado, mas com um talento extraordinário, é idolatrado mundialmente e, talvez, mais ainda na Argentina. No Barcelona é ídolo e herói, pois possui várias conquistas em sua carreira. Esta

distinção se faz necessária, já que heróis vivem de conquistas, que são compartilhadas com a comunidade, no caso a torcida do time em questão ou a da seleção de seu país. Neste quesito de heroísmo, Messi estaria devendo um título mundial a seu país. Se não o conquistar será, parafraseando o colunista esportivo Fernando Calzavara, ao referir-se a Zico, "um azar para a Copa do Mundo". E aí Maradona continuaria sendo o maior herói dos argentinos.

Ele tem algo que podemos ter como pauta para pesquisa futura. Trata-se de sua personalidade introspectiva, tímida, sem aparições na mídia, poucas palavras, quase mudo

O antropólogo Hugo Lovisoló e eu já observamos, em artigo acadêmico publicado há alguns anos, que a Argentina tem uma tendência a cultivar heróis com características mais "dionisíacas". Figuras "imperfeitas", como Evita, Perón, Che Guevara, Gardel e Maradona, por exemplo.

O que aconteceria se Messi ganhasse uma Copa? Como a imprensa argentina iria "construir" narrativas em torno deste herói? Ele não é "dionisíaco" como Maradona, tampouco "apolíneo" como Pelé, por exemplo. Talvez seu extraordinário talento futebolístico estaria mais próximo da categoria "apolínea", tal como a definiu Gil-

berto Freyre em artigo famoso publicado no "Diário de Pernambuco" em 18 de junho de 1938, que tinha como objetivo explicar a idiosincrasia do futebol brasileiro. Mas sua personalidade caminha na contramão da tendência padrão que vemos no universo de celebridades em um contexto cada vez mais midiático. As narrativas midiáticas em torno de ídolos se alimentam frequentemente de seus comportamentos na vida pública (algumas vezes até na vida privada). O que sabemos de Messi fora dos campos de futebol? Ele não aparece em público, quase não dá entrevistas, e quando o faz, tende a ser monossilábico.

Estamos diante de um dilema que pode nos ajudar a entender melhor a relação entre ídolos e mídia. O poder da mídia esbarra nas ações do atleta. A "construção" midiática de narrativas em torno de ídolos/heróis futebolísticos necessita da ação compartilhada do atleta em questão, dentro e fora dos gramados.

Messi é um gênio, um atleta de exceção. O mundo se maravilha e se deleita com suas atuações. Se vier a conquistar uma Copa do Mundo, a imprensa argentina terá que utilizar recursos distintos dos que utilizou para narrar a trajetória heroica de Maradona. Messi é um ídolo "fora do ninho" dentro do universo contemporâneo de celebridades. Talvez, por isso, muitos o admirem ainda mais. ●

Ronaldo Helal é professor da Faculdade de Comunicação Social da Uerj